

ISSN 2318-3985  
Volume 7 Número 13  
Jan - Jun 2019



**RECEPÇÃO E HISTÓRIAS DE IDENTIDADES:  
PERCORENDO AS RELAÇÕES TRANSTEXTUAIS DE ASSIM  
NA TERRA COMO EMBAIXO DA TERRA, DE ANA PAULA MAIA**

Ana Carolina da Conceição Figueiredo

# RECEPÇÃO E HISTÓRIAS DE IDENTIDADES: PERCORRENDO AS RELAÇÕES TRANSTEXTUAIS DE *ASSIM NA TERRA COMO EMBAIXO DA TERRA*, DE ANA PAULA MAIA

**Ana Carolina da Conceição Figueiredo**

Mestranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-graduação em Letras e Linguísticas da Faculdade de Formação de Professores da UERJ

**RESUMO:** Este artigo tem por objetivo debater as relações transtextuais que estão entrelaçadas nas organizações linguísticas estruturadas em *Assim na terra como embaixo da terra* (2017) romance de Ana Paula Maia. Essas relações compõem forças de significados, que se encontram expandidas dos elementos paratextuais aos aspectos do texto narrativo como um todo. Assim, consideraremos que o título, a ilustração e a epígrafe constituem trilhas para a recepção da obra e pensaremos a história das identidades das personagens. Nossas abordagens serão fundamentadas nas concepções teóricas de Genette, Jouve, Woodward e Hall.

Palavras-chave: Transtextualidade; recepção; leitura; identidade.

## INTRODUÇÃO

Os saberes sobre o homem e a sociedade contidos na obra *Assim na terra como em baixo da terra*, da autora contemporânea Ana Paula Maia, encontram-se organizados no interior do projeto textual narrativo com um aspecto heterogêneo dando margem para a discussão de inúmeros temas. É, por meio da voz de um narrador onisciente em terceira pessoa, que as ações que enlaçam o enredo vão sinalizando para a fertilidade do fazer literário múltiplo e engajador de Ana Paula. Desse modo, pode-se compreender a força dessa multiplicidade no âmbito da linguagem, dos tons e dos temas, que emergem na história de um grupo de homens criminosos, condenados e confinados numa colônia penal.

O projeto de texto, que ordena toda a obra, inicia o seu processo de significação e constituição de sentido logo nos elementos paratextuais: título, ilustração e epígrafe. Esses peritextos, termos cunhado por Gerard Genette (2009), juntamente com os discursos abordados no interior do romance, perfazem um movimento de inter-relação entre textos, ou seja, estabelecem uma espécie de transcendência textual.

Com base nessas considerações, o presente artigo pretende, em primeiro lugar, abordar o processo de recepção da obra pelo público pensando as possíveis direções de leituras oferecidas nas marcações linguísticas do paratextos. Em seguida, refletir sobre as histórias de identidades imprimidas na vida dos personagens, sendo eles, agentes carcereiros ou criminosos para pensar a formação de novas identidades estilhaçadas.

## TÍTULO, ILUSTRAÇÃO, EPÍGRAFE E LEITURA: DOS PARATEXTOS À RECEPÇÃO

Ler *Assim na Terra como embaixo da terra* (2017), romance de Ana Paula Maia, é aventura-se em trilhas textuais encharcadas de artimanhas pré-estruturadas por uma composição de significados, que se encontram inscritos e organizados nos elementos paratextuais da obra. O título, a imagem do javali presente na capa e a epígrafe constituem um conjunto de forças exercidas sobre o leitor, e como pensa Gerard Genette (2010, p.16) “[...] um dos espaços privilegiados da dimensão pragmática da obra, isto é, da sua ação sobre o leitor [...]”. Desse modo, esses paratextos funcionam como uma espécie de “pré-texto”, pois atuam lançando informações precisas ou obscuras sobre a narrativa.

Os paratextos são capazes de estruturar caminhos de leitura, mas caberá ao leitor decidir “[...] a possibilidade de entrar e de retroceder.” (GENETTE, 2009, p.9). As fronteiras e os liames inscritos nos peritextos (título, imagem e epígrafe) de *Assim na terra como embaixo da terra* não apenas estão imbricados na composição formal da obra, como também direcionam a recepção do público. Desse modo, ao se deparar com os elementos, que compõem o paratexto, o leitor elabora “hipóteses interpretativas sobre o teor global do texto.” (JOUVE, 2002, p.75). Acontece que, o processo de leitura, é regido por mecanismos de antecipação, ou seja, além desses peritextos da obra de Maia prepararem o leitor ao ponto de ele criar hipóteses sobre a narrativa, atuam reconstruindo o horizonte para a primeira leitura do texto narrativo como um todo.

Os pré-dados presentes no aspecto paratextual, ao impulsionar sinais semânticos, podem configurar uma relação de semelhança ou de oposição. Isso ocorre, porque os sentidos e significados imprimidos no título são capazes de encadear uma antítese, organizando, assim, uma armadilha para o público leitor. Para Jauss (1994, p. 51), isso é possível devido “a uma conveção do gênero, do estilo ou da forma, evocam propositadamente um marcado horizonte de expectativas em seus leitores para, depois, destruí-lo passo a passo [...]”.

Hans Robert Jauss em “O texto literário na mudança de horizonte da leitura” (1983) propôs três etapas durante o processo de interpretação de um texto poético: Compreensão, interpretação e ampliação. Não é pretencioso examinar o movimento que os elementos paratextuais mantêm sobre o público leitor no desenrolar da leitura a partir desses três métodos. Antes convém mencionar que Genette (2010, p. 15) nomeou como paratexto: “[...] título, subtítulo, intertítulos, prefácios, posfácios, advertências, prólogos, etc.; notas marginais, de rodapé, de fim de texto; epígrafes; ilustrações; release, orelha, capa, e tantos outros tipos de sinais acessórios [...]”.

Ao que parece, os paratextos dispostos no romance aqui tratado podem também serem pensados como unidades hermenêuticas que afetam e interferem na extensão dos significados articulados. De certa forma, a corrida para se chegar à compreensão da obra de Ana Paula Maia inicia-se a partir da leitura do título, da ilustração e da epígrafe. Isso acontece, porque a obra antecipa, nos aspectos estéticos de sua capa, lances para se obter significados mais concretos sobre o texto. No período da sequência da interpretação, os sentidos compreendidos no peritexto serão retransportados para a primeira leitura do texto narrativo. Toda a bagagem adquirida na leitura dos paratextos servirá como experiência para esse primeiro envolvimento com a narrativa, tudo se tornará “tematizável no horizonte retrospectivo de interpretação” (JAUSS, 1983, p. 309).

O título *Assim na terra como embaixo da terra* poderá soar aos ouvidos do leitor como um diálogo com o fragmento presente na oração do Pai nosso do texto bíblico. No entanto, nota-se um jogo de sentidos e significados contraditórios e/ou invertidos no livro de Ana Paula Maia, pois, enquanto no texto bíblico é enunciado a presença de um Deus detentor de uma vontade soberana na terra e no céu, no romance tal ideia da existência e da vontade de um Deus salvador é confrontada, uma vez que os homens presos no espaço da colônia penal estão condenados a morte física e espiritual, sem salvação. Tabora, agente penitenciário, parece ter consciência de sua condição de ser humano vivo ou morto em: “Poderia atravessar os portões da Colônia, sentir a liberdade na carne, mas isso já não é possível no espírito. Sua alma, fígada, já está enterrada, e o peso que sente abater-se sobre seu espírito é a terra que pesa toneladas sobre si” (MAIA, 2017, p. 123).

Ao dialogar e contradizer o texto sagrado, nota-se a força potencial discursiva encenando uma multiplicidade de discussões relacionadas ao sagrado, a morte de Deus e a perda da identidade humana. Nesse sentido, o título *Assim na terra como embaixo da terra* constitui, no âmbito do que propôs chamar Genette (2010, p. 16) de metatextualidade, isto é, a relação de comentário que aproxima e “une um texto a outro texto do qual ele fala, sem necessariamente citá-lo (convocá-lo), até mesmo, em último caso, sem nomeá-lo [...]”. Vale ressaltar que essa relação, que se desenvolve em forma de comentário, não consiste necessariamente na fusão entre os textos, mas evoca uma correspondência crítica.

Na correspondência metatextual crítica, que o título do romance mantém com o fragmento do livro bíblico, será compreendida, no decorrer da narrativa, quando o leitor frear a sua progressão de leitura e captar os sentidos assinalados na composição dos aspectos semânticos-discursivos na história de um grupo de homens presos, caçados como animais numa colônia penal, para serem condenados por diferentes atos criminosos e submetidos a condições desumanas, o leitor compreenderá uma relação opositiva e crítica.

A imagem do javali na capa constitui-se como uma metáfora dos homens presos, caçados e abatidos iguais a animais. A narrativa de Maia é conduzida pelo olhar onisciente de um narrador que descreve cada instante das angústias e vontade de sobrevivência desses indivíduos condenados e jogados na prisão. Os presos são soltos no espaço da prisão, são caçados e mortos por Melquíades, agente superior. Todos têm a mesma pena: a morte.

- Bem, presos, vocês foram escolhidos esta noite. Eu prefiro as noites de lua cheia, porque assim vocês conseguem se orientar melhor. [...] As regras são simples, e eu imagino que dois merdas como vocês vão compreendê-las facilmente. Os dois foram condenados por crimes semelhantes: estupro seguido de morte. [...] Vocês são homens quase livres, agora. Só vou falar uma vez, então prestem atenção: vocês têm a chance de sair de entre os muros, mas é só uma chance, que eu considero remota. – Ergue um cronômetro. – Quando eu der o sinal, vou cronometrar trinta segundos, e nesse tempo vocês podem correr para o mais longe que conseguirem. Mas se eu e o meu rifle CZ.22 fabricado na Tchecoslováquia e de longe alcance encontrarmos vocês, nunca mais deixarão este lugar, entenderam? (MAIA, 2017, p. 56-57).

A leitura desse fragmento possibilita a reflexão sobre o par dicotômico-humanidade e animalidade, o qual atravessa toda a narrativa de Maia. O homem, ao ser comparado ao javali, aponta para uma desconstrução hierárquica no âmbito do mundo animal. Maria Esther Maciel no livro *Literatura e animalidade* (2016, p.16) discute que, “a cisão entre homem e animal, humanidade e animalidade – tal como ela se institui na sociedade ocidental – teve seu ponto crucial na era moderna, mais especificamente a partir do século 18, com o triunfo do pensamento cartesiano.” O animal era considerado, nesse período, uma máquina, sem alma. Os criminosos de *Assim na terra como embaixo da terra*, ao terem “a parte animal, uma vez manifesta, despojaria o homem de sua humanidade, conduzindo-o ao grau-zero de sua própria natureza.” (MACIEL, 2016, p.17). Nesse sentido, os aspectos que identificam os sujeitos como animais vão sendo colocados no decorrer do tempo na colônia penal.

O confinamento de homens assemelha-se a um curral de animais. O gado é abatido para se transformar em alimento; os homens, por sua vez, são abatidos para deixarem de existir. Não é um lugar de recuperação ou coisa que o valha, é um curral para se amontoarem os indesejados, muito semelhante aos espaços destinados às montanhas de lixo, que ninguém quer lembrar que existem, ver ou sentir seus odores (MAIA, 2017, p. 97).

Convém apontar que, esses presos são equiparados aos javalis não apenas no modo como são perseguidos e capturados, mas também pelas adjetivações referidas aos animais: farejando - “contraí o rosto e tensiona os olhos enquanto o investiga minuciosamente, sem tocá-lo, apenas farejando” (MAIA, 2017, p.14); adestrado - “não se sente muito diferente dos presos que vigia [...] Foi adestrado para obedecer” (MAIA, 2017, p. 24-25); abatedouro – “um espectro nauseante os envolve. São todos homens de sangue. Em sua maioria, matado para os outros, como abatedouros em um matadouro” (MAIA, 2017, p. 29).

Em uma cena da narrativa, Bronco Gil, o índio, caça e mata o próprio Melquíades como se estivesse caçando um javali. “Ele mantém o ritmo de suas passadas com a precisão do caçador experiente que carrega a presa batida.” (MAIA, 2017, p.139). No destrinchar dos lances narrados, nota-se também que não existe marcação cronológica do tempo, o que há são marcações de minutos, do sol se pondo e nascendo. Além disso, mostra a percepção emocional e psicológica dos presos, que sentem o tempo passar conforme acontece no mundo animal pelo amanhecer e anoitecer.

A discussão em torno da ilustração do javali como uma figura metafórica para pensar uma possível associação entre homem e animal na obra de Maia se concretiza, desse modo, no desenrolar do enredo de *Assim na terra como embaixo da terra*. A autora Ana Paula Maia em entrevista ao Blog da Editora Record em maio do ano passado afirma que: “[...] a caçada do javali fazendo diretamente essa relação com a caçada humana.” A comparação desses animais com os presos pode ter relação ao fato do javali ser uma espécie exótica considerada uma praga por atacar plantações de agricultores, causando, assim, prejuízos para a agricultura, por isso, eles são caçados. Maia menciona ainda o fato do javali “não tem predador no Brasil. [...] Ele precisa ser abatido a tiros. E é legal, o Ibama libera você abater javali em certas regiões do Brasil porque não tem como contê-lo a não ser matando” (MAIA, 2017).

Nesse sentido, conjectura-se a hipótese dos presos da colônia penal retratada no livro de Ana Paula Maia serem caçados como javalis e penalizados com a morte, pois cometeram danos à sociedade, por meio de crimes, como por exemplo, assassinatos, roubos e estupros. O restante da sociedade parece não dar importância à vida desses homens, isto é, eles encontram-se isolados, coisificados, aquém da sociedade, sem reinserção social.

De fato, constata, esses muros não servem apenas para manter os condenados confinados, mas para apagar qualquer vestígio da existência desses homens. Do lado de fora, ninguém se importa. Ninguém quer ver o que se passa aqui dentro. Aquilo que não serve, que não presta para mais ninguém. Assim como lixo que se amontoa extingue-se no fogo, assim não

os entremuros para os confinados. O lixo, porém, ainda se recicla. Para esses homens, não há quem lhes confie uma nova chance (MAIA, 2017, p. 127).

Essa discussão encaminha para o que se concretiza na fala de Bronco Gil, epígrafe da obra, “No fim, somos todos livres, porque, no fim, estaremos mortos.” (MAIA, 2017, p. 132). Se por um lado a morte seria uma correção para os crimes que os condenados cometeram, “uma medida socioeducativa” (MAIA, 2017, p.57), como afirma Melquíades. Por outro lado, só a morte os tornará homens livres, livres de toda maldade, livres da perseguição dentro da colônia e do peso dos crimes cometidos. Diante das letras printadas em cima do portão “A correção nos torna livres”, o índio compreende: “Eles corrigem a gente com uma bala na cabeça, e somos livres quando morremos” (MAIA, 2017, p. 132).

Pode-se pensar que a menção a fala de Bronco Gil como epígrafe estaria relacionada à força que o personagem tem para a autora, tendo em vista que ela o trouxe de outra obra. Assim, a importância do personagem Bronco Gil é consagrada e afirmada no deslocamento da sua fala para o espaço epigrafado. Além disso, exercendo a função de comentário da obra nas palavras de um sujeito, que vive na pele a condição de condenado, de perseguido como um animal, mas que conseguiu “se manter vivo e deixar os predadores bem longe.” (MAIA, 2017, p. 142). Sobre Bronco Gil, Ana Paula Maia diz em entrevista ao Blog da Editora Record:

Eu nunca tinha tido um personagem índio. Eu queria muito ter um índio como personagem. Mas não índio de cocar, ainda com aquela imagem inocente, mas não, um índio mestiço, exatamente como é o Bronco Gil. [...] quando ele surgiu em *De gados e homens* eu falei, ‘eu vou trazer esse personagem de novo’. Geralmente esses eu não mato, ele não pode morrer, tem que ficar vivo para um próximo livro. E aí quando eu fui escrever o *Assim na terra como embaixo da terra*, eu decidi trazer o Bronco Gil como protagonista, porque ele estava muito próximo de mim, era um personagem que eu queria trabalhar de novo, e eu achei que ele seria perfeito para aquele lugar, para aquele espaço (MAIA, 2015, grifo nosso).

A epígrafe selecionada ergue-se como um fio, que atua para rescrever a narrativa no percurso da recepção e que só será ampliado, quando o texto for lido por completo. A fala do personagem Bronco Gil, ao ser deslocada do corpo textual para uma das páginas iniciais da obra, parece funcionar como um mecanismo projetando o leitor dentro da ação da narrativa. Insinua também “o modo como deve ser lida e o que vamos encontrar nela” (JOUVE, 2002, p.69),

mas que não pode dizer inteiramente tudo sobre a história contada. Isso ocorre, porque, embora sejam lançados indícios e/ou conjecturas relacionadas à temática, inúmeras lacunas ficarão inscritas nessa primeira leitura da obra por meio dos seus paratextos. Desses vazios, alguns serão preenchidos no envolvimento do leitor com o texto narrado, outros dependerão da bagagem do sujeito, que lerá a obra de Ana Paula maia, tendo em vista que “o texto, estruturalmente incompleto, não pode abrir mão da contribuição do leitor” (JOUVE, 2002, p .62).

É certo que a epígrafe orientará a leitura, mas, ao ser deslocada do meio da narrativa, ela exerce uma força, quando o público se apodera dela para pensar as estratégias, que serão articuladas e desenvolvida durante o ato de ler. Compreende-se, por esse ângulo, dois papéis desempenhados pela recepção da epígrafe: arquitetar um contrato de leitura e testar a competência do leitor.

Se, de certa forma, o título da obra poderá imprimir um labirinto com armadilhas para a recepção do público, a ilustração do javali e a epígrafe trazem orientações concretas que acabam convergindo no desdobrar da narrativa. Convém pensar, portanto, que *Assim na terra como embaixo da terra* organiza elementos paratextuais recheados por uma tessitura de significados, que ora apontam o caminho ora funcionam como uma estratégia para prender o leitor numa teia de sentidos podendo levar às interpretações equivocadas.

## UMA HISTÓRIA DE IDENTIDADES NO INTERIOR DOS DISCURSOS TEXTUAIS

A produção narrativa construída no interior de *Assim na terra como embaixo da terra* envolve um entrecruzamento de discursos, que direcionam para o que Gerard Genette (2010, p. 13) nomeou de “transcendência textual do texto”, ou seja, aspectos que colocam o texto num status de relação com outros textos. Os elementos – narrador, tempo, espaço, personagem, enredo – compõem a estrutura narrativa da obra literária, contextualizam uma história de identidades: as identidades estilhaçadas e forjadas dentro do espaço da colônia penal.

O enredo de *Assim na terra como embaixo da terra* encena a história de sobrevivência, condenação e morte de homens, que têm em comum o habitat da colônia penal. Além de partilharem o local uns com os outros, eles estão submetidos às ordens e repressão do agente superior Melquíades. Compartilham o cotidiano, a angústia ao verem os dias passarem na expectativa de saberem como os dias se seguiram e como será o futuro. A vida desses sujeitos, alguns na posição de agente superior e a maioria na condição de presos criminosos, apontam para a história de identidades diferentes. Uma história que, para Woodward (2000, p. 9) mostra que “a identidade é relacional [...] é, assim, marcada pela diferença”, tendo em vista que, a identidades dos

indivíduos pertencentes ao grupo dos condenados dependem da existência de aspectos fora dela, por exemplo, da identidade dos homens, na posição de agente penitenciário superior. Além disso, cada um desses homens internalizam as suas próprias identidades individuais formadas por elementos adquiridos no âmbito de origem familiar, dos seus ancestrais.

Melquíades apresenta, imprimido, em suas atitudes, pensamentos e sentimentos, uma identidade marcada por traços adquiridos ainda na infância, quando vivia com o seu pai, ex-policial. Da vivência com o pai, o agente superior, adquiriu o gosto por armas, a caçada aos javalis, e “não se apieda de criminosos, nem dos livres, nem dos condenados” (MAIA, 2017, p. 80). A importância e influência do pai sobre a vida de Melquíades é perceptível nas memórias gravadas na foto com o pai próximo de um javali abatido e no exemplar da Bíblia, que o agente penitenciário “carrega no bolso do uniforme” (MAIA, 2017, p. 79). Esses fatores formadores da identidade ganham visibilidade e força, quando Melquíades começa a ser acometido e preenchido por uma dose de loucura no espírito, “já que, quando a loucura ocupa tão somente a dimensão da alma, ainda é possível ter momentos de lucidez e de regressar à sanidade. Possuída do espírito, não há como voltar” (MAIA, 2017, p. 81).

Tais questões relacionadas à vida de Melquíades exemplificam o que Kathryn Woodward (2000, p. 9-10) aponta, quando diz que “a identidade é marcada por meio de símbolos, [...] existe uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que uma pessoa usa.” Desse modo, o desejo compulsivo de caçar os condenados e matar como animais, como se mata um javali, por exemplo, parece estar relacionado aos sistemas simbólicos, que constituem o período da infância até os tempos atuais de Melquíades como agente superior no contexto da colônia penal. Nessa perspectiva, é possível compreender que: “[...] a construção da identidade é tanto simbólica quanto social” (WOODWARD, 2000, p. 10), uma vez que, a identidade de Melquíades e dos outros homens integrantes da colônia são construídas, estilhaçadas e forjadas no âmbito dessa arena prisional. Valdênio, um dos presos, para exemplificar, parece mostrar uma crise de identidade, que é um reflexo das circunstâncias e os fatores ao qual está submetido.

Valdênio é velho para um lugar como este. Tem sessenta e cinco anos. Passou a metade da vida encarcerado, atrás de grades de ferro ou em colônias penais como esta, fazendo todo tipo de trabalho. Já deveria estar solto, mas a justiça o mantém neste lugar. Agora, espera nunca encontrar a liberdade em vida, pois já não há quem espere por ele do lado de fora dos muros. [...] Seu corpo, moído no inferno, aguarda o fim dos seus dias. Já não questiona mais. Obedece. Cumpre as ordens [...]. (MAIA, 2017, p. 16).

Kathryn Woodward (2000, p. 12) aponta ainda que, na base da construção da identidade “está a tensão entre perspectivas essencialistas e perspectivas não-essencialistas sobre a identidade”. Assim, pensar numa identidade essencialista consiste supor na existência de um conjunto de característica inerente, que são compartilhadas por indivíduos de um determinado grupo e não sofrem mudanças com o decorrer do tempo. Por outro lado, a perspectiva não-essencialista coloca em evidência as diferenças, as características comuns e as compartilhadas entre os indivíduos de um mesmo grupo e com outros grupos. Dessa forma, entende-se que, no decorrer dos acontecimentos, as perseguições, o monitoramento diário de uma tornozeleira eletrônica sujeita a explodir diante de qualquer movimento de fuga, as condições desumanas e o tempo longe do espaço da família, do contato com a civilização, acabam fazendo com que eles adquiram novas identidades. Isso mostra que, constantemente as pessoas estão se redescobrendo seja evocando o seu passado para reconstruir a sua identidade, seja ao se deparar com as transformações do seu momento atual, do seu mundo atual, como, por exemplo, as transformações constantes no mundo.

Melquíades, acometido pela loucura, passa a enxergar os presos não mais como seus semelhantes, o que afeta a racionalidade dele. Assim, é no apelo aos princípios ancestrais históricos, na figura do pai, uma espécie de representação simbólica, que Melquíades reafirma a sua identidade. No entender de Woodward (2000, p.12) “essa redescoberta do passado é parte do processo de construção da identidade que está ocorrendo neste exato momento e que, ao que parece, é caracterizado por conflito, contestação e uma possível crise.” Como no fragmento: “São muitas lembranças, quase todas de sangue e vísceras, e era nos momentos de caçada que realmente se aproximavam um do outro” (MAIA, 2017, p. 79).

A vida e a morte dos criminosos presos e condenados na Colônia penal de Ana Paula Maia (2017, p. 55) estão nas mãos de Melquíades, que “é tocado nas noites de lua cheia, principalmente nas noites de verão.” Melquíades, nas caças noturnas dos presos, sai em vantagem, porque é daltônico igual aos javalis: “Sua visão noturna é privilegiada e seu raio de percepção visual é muito maior do que o de outros homens. Caminhar pela mata à noite não inibe seus reflexos ou obscurece seus sentidos. Melquíades pode enxergar além das sombras.” (MAIA, 2017, p. 58). No desenrolar da trama de *Assim na terra como embaixo da terra*, entende-se a identificação que Melquíades tem com o javali no período das caças desses homens, pois, em certos momentos, o narrador descreve Melquíades “tentando farejar o cheiro de adrenalina dos homens” (MAIA, 2017, p. 58) e, ao mandar Taborda, agente penitenciário, empalhar a cabeça do javali para colocá-la na parede da sala.

As narrativas, ao redor dessas ações de Melquíades, constituem a parte de um todo que remete a um longo processo de formação de uma identidade fluída, mas também, por outro lado, coloca em discussão, por meio de uma abordagem intertextual com o fragmento bíblico, conjecturas erguidas sobre a imagem e a existência de um Deus criador. Essa problemática é encaminhada desde o título *Assim na terra como em baixo da terra*, que, como já foi mencionado, parece configurar uma relação metacrítica com o texto da Oração do Pai nosso: “Assim na terra como no céu” (MATEUS, 6. 10). O vocábulo “céu” integra um sentido que aponta para uma ideia de infinito, sem começo meio e fim, atrelado também ao pensamento de um Reino dos céus, composto por felicidade, sem qualquer tipo de dores. Tal significado também poderá ser estendido à palavra “terra”, como se toda essa vida plena, começasse no âmbito do sagrado e perpassasse a terra, ou seja, a vontade de Deus é soberana, nas mãos de Deus estaria à vida do homem, sua imagem e semelhança.

Dessa forma, percebe no jeito opressor e assassino de Melquíades não apenas a desconstrução e questionamento da existência de um Deus soberano, cuidador e salvador dos homens, pois vivos ou mortos, os presos estão condenados, não podem contar com uma redenção celestial, isto é, uma libertação da culpa, eternos condenados à morte espiritual. Além disso, ao inscrever na narrativa um diálogo intertextual com a bíblia, quando menciona “Quem derramar o sangue do homem, pelo homem o seu sangue será derramado; porque Deus fez o homem conforme a sua imagem” (MAIA, 2017, p. 81), problematiza, por meio de relações metatextuais, o discurso de que, quando mata cada condenado, Melquíades mata Deus aos poucos, uma vez que o homem é considerado, nas escrituras bíblicas, a imagem de Deus aqui na terra.

Acreditava que se Deus fez o homem conforme a sua imagem, então a justiça de Deus deveria ser feita por intermédio do homem, já que todo ser humano é a manifestação de Deus na terra. Quando um homem mata o homem, ele mata a imagem de Deus; e, assim, a imagem de Deus torna-se assassina e assassinada ao mesmo tempo. Era comum cair em longos silêncios depois de matar. Por um lado, justiça havia sido feita; por outro, um pouco de Deus estava morto (MAIA, 2017, p. 81).

Os sistemas simbólicos que representam a identidade individual do personagem Melquíades permitem compreender quem, de fato, ele é. Nesse sentido, “ao afirmar uma determinada identidade, podemos buscar legitimá-la por referência a um suposto e autêntico passado – possivelmente um passado glorioso, mas, de qualquer forma, um passado que parece “real” – que poderia validar a identidade que reivindicamos.” (WOODWARD, 2000, p. 27). Por outro

lado, na concepção de Stuart Hall (2006) pensar numa identidade unificada e completa é uma fantasia, porque, mediante o ritmo como os sistemas simbólicos e de representações se proliferam no círculo social, o sujeito se percebe confrontado por uma multiplicidade de formas identitárias possíveis a ele. Nesse ângulo de perspectiva, Hall (2006, p. 12) argumenta “o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas discussões desenvolvidas em torno do romance *Assim na terra como embaixo da terra* foi possível compreender que as obras de cunho contemporâneo tratam e retratam uma multiplicidade de temas relacionados ao homem no seu espaço individual e coletivo. Além disso, vale ressaltar a força linguística presente nas várias vozes que ganham visibilidade no âmbito cultural e social. Desse modo, a obra de Ana Paula Maia, ao dar visibilidade ao espaço da colônia penal e as condições, as quais os presos estão submetidos, chama a atenção para as cadeias prisionais da atualidade, não apenas por apresentar indivíduos condenados por uma diversidade de crimes, mas também para as condições insalubres do ambiente.

Ademais entendemos que esses homens presos, condenados, assassinados e torturados permitem o pensar sobre a realidade do sistema prisional brasileiro, quando prendem os criminosos em celas lotadas sem os elementos necessários, que um ser humano precisa para sobreviver, porque, embora acomodem indivíduos autores de inúmeras atrocidades, continuam sendo seres humanos. É justamente o que retrata a obra de Ana Paula Maia: homens sendo comparados aos animais pela maneira como são tratados – alimentação, acomodação e confinamento, excluído da civilização, caçados como animais e condenados à pena de morte.

Os relatos de vida, loucura e morte norteiam o enredo e se concretizam nas histórias de identidades dos personagens do romance. Todo o processo de construção e reconstrução de identidade que os personagens passam resultaram das memórias, instintos e marcas ancestrais. Acontece que esses homens ora acabam reconstruindo a sua identidade como modo de resistência, ora incorporam traço herdados do seu grupo de origem para reprimir, dominar e reforçar posições hierárquicas de poder.

Essas questões, que tematizam e rodeiam a *Assim na terra como embaixo da terra* encontram-se imbricadas, formam fios e compõem todo tecido textual da obra. Os envoltórios dos signos linguísticos encadeiam um processo

com início, meio e fim, resultando em relações transtextuais, que perfazem o caminho dos paratextos até o texto narrativo, por isso, se comportam como uma dimensão pragmática desempenhando forças de ação sobre o público leitor durante a recepção do romance.

### Referências Bibliográficas:

GENETTE, Gerard. Cinco tipos de transtextualidades, dentre os quais a hipertextualidade. Tradução de Luciene Guimarães. In: *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*. Belo Horizonte: Edições Viva Voz, 2010, p. 13-21.

\_\_\_\_\_. *Paratextos editoriais*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro-11. Ed.- Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994. 78 p.

\_\_\_\_\_. *O texto poético na mudança de horizonte da leitura*. In: LIMA, Luis Costa (org.). *Teoria da literatura em suas fontes*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1983. p. 305-358.

JOUBE, Vincent. *A leitura*. Tradução Brigitte Hervot. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

MACIEL, Maria Esther. *Literatura e animalidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

MAIA, Ana Paula. *Assim na terra como embaixo da terra*. Rio de Janeiro: Record, 2017.

\_\_\_\_\_. Entrevista ao Blog da Revista Record, maio de 2017. <http://www.blogdaeditorarecord.com.br/2017/05/15/assim-na-terra-como-embaixo-da-terra-de-ana-paula-maia/> acesso em 19 de fevereiro de 2018.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferenças: uma introdução teórica e conceitual*. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Identidade e diferenças: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 7-72.

### Reception and stories of identity: examining the relations of transtextuality in the novel *Assim na terra como embaixo da terra*, written by Ana Paula Maia

Abstract: The objective of this article is to discuss the relation of transtextuality that is connected with linguistic structures present in the novel *Assim na terra como embaixo da terra*, written by Ana Paula Maia. These relations have different meanings that can be present in paratextual elements that are linked to the narrative text. Besides, it is important to affirm that the title, illustration and epigraph that are present in the texts are important elements for the reading of the book and the stories of characters' identities. Our arguments will be based on Genette, Jouve, Woodward e Hall.

Keywords: transtextuality; reception; reading; identity.